

MUSICALIDADE: A DINAMOGÊNESE INSTAURADORA DA TERCEIRA MARGEM

Sônia de Almeida do Nascimento

Nós, hodiernos: filhos de uma educação racional e utilitária voltada e votada à atividade cognitiva e ao conhecimento que se cristaliza em enunciados e proposições, uma educação que torce o nariz a qualquer tentativa de se viver percorrendo o caminho do poético. Será que ainda estamos prontos a empreender a viagem com as asas da liberdade, aquela que nos conduz à terceira margem? Será que nós, leitores deformados pelo intelectualismo, acostumados a colocar o pensamento conceitual e ajuizador antes do enlevo e do arrebatamento diante dos mistérios do mundo, leitores que acreditam que escrever é procurar rótulos para ilustrar e resumir pensamentos, ainda seremos capazes de, numa composição, dispensar cuidados ao que nos vem ao encontro sem antes darmos primazia à inteligência e às faculdades intelectuais, sacrificando os nossos gestos e os gestos do mundo? Será que ainda somos capazes de viver o maravilhamento e a inquietação diante dos mistérios do real? Decerto, poderíamos continuar apresentando muitas outras indagações. No entanto, as aqui apresentadas já indicam que iniciamos o presente artigo com uma convocação e uma declarada provocação para pensarmos o nosso verdadeiro modo de ser no mundo.

A aceitação dessa convocação implica a necessária abertura para questionar o nosso modo habitual de ser. Somente nessa abertura será possível vislumbrar que, no modo habitual, vivemos na superfície do real, migrando de margem a margem. Nessa migração desenfreada, perdemos a possibilidade que se doa no entre, lugar onde acontece a tensão harmônica dos contrários. Na superficialidade e tentativa de reduzir tudo à utilidade, o que perdemos é a riqueza fecundante repleta de vigor que se encontra em profundidade.

Então, podemos afirmar que, insistindo nessa pressa desenfreada, expulsamos e soterramos o Mistério. Consequentemente, nesse agir que

não cuida do Mistério, desviamo-nos do seu vigor, da vitalidade da vida e, assim, de nós mesmos. Nisso, perdemos a possibilidade da intensificação do próprio – aquela em que participamos e somos a amplitude da onda e dela participamos – e não mais participamos dos acontecimentos súbitos da vida. No entanto, o Mistério, por nós encajado e entulhado, continua sempre exigindo que de novo nos movimentemos para que ele possa tornar-se, outra vez, digno de questão. Ora, digno de questão é o que se diz como enigma: “O enigma não tem solução, só a têm os problemas e as adivinhas” (Castro, 2007, p. 8).

Diante do enigma, o que sempre surpreende é a impossibilidade de toda e qualquer solução ou descrição: essa riqueza fecundante jamais poderá ser inventariada por um notário. Este, com seu olhar escrutinador, nunca poderá alcançar essa riqueza. Ela não se deixa agarrar por nenhuma atividade intelectual. Portanto, só aquele que habita poeticamente se encaminha ao desconhecido e às possibilidades, permanecendo no movimento engrandecedor. Só ele está aberto para o mistério das coisas.

A abertura é o que concede o livre jogo do encontro, é a própria ação de abrir-se, cujo movimento faz surgir um campo de possibilidades sempre novas. Ela é a instauração da ação mágica que nos faz vibrar e recuperar a medida do nosso habitar: a musicalidade. No limiar da abertura, vivemos musicalmente na travessia e participamos da parte vibrante-musical do real. Na travessia, somos o sentido do passo; somos o sentido da aventura. Esse é o sentido do inesperado, do extraordinário. Destarte, ele é o sentido do peregrino: do viandante que está no ir e vir do caminho do campo. Esse é o campo de combate, aquele em que reparamos no entre céu e terra. Entenda-se campo como lugar de luta. Luta é *aletheia*: dinâmica veladora e desveladora. A verdadeira luta: a luta pela revelação das coisas é *aletheia*.

Na ondulação, o distante e o imediato se entrelaçam, jamais se despedaçam. Portanto, precisamos habitar poeticamente para participar desse movimento. O habitar poético, diferente do habitar escrutinador, é aquele em que olhamos aquilo que não vemos: olhar criador que vislumbra e revela luzes ao mesmo tempo profundas e cheias de mobilidade. Portanto, onde não há luta instala-se a paralisia, o nivelamento e o

desaparecimento. Isso significa dizer que no desaparecimento deixa de acontecer o desencobrimento, ou seja, deixa de acontecer a abertura da revelação.

No entanto, devemos lembrar que nós, enquanto existimos, somos e estamos na disputa, na luta. Percebemos então que a abertura advém daquela coragem originária que nos faz deslocar do já dado para que possamos nos aventurar no risco extraordinário, cuidando do inevitável. Conseqüentemente, como um verdadeiro desabrochar, a abertura é antes de tudo a ação que faz surgir o caminho por onde devemos passar. Sua experiência é o que nos permite ver e entrever as coisas. Entretanto, abrindo mão da coragem que nos faz entrar no campo de combate – lugar de tensão harmônica dos contrários –, renunciamos também àquilo que caracteriza o nosso modo próprio de ser: a nossa musicalidade. Podemos entrever, assim, que a abertura é o *modo de ser* que nos é próprio na medida em que somos sempre gesto e, desse modo, movimento revelador da reunião. Portanto, nosso modo de ser mais próprio é o modo da com-posição. Com-pondo, recuperamos o nosso modo de ser: o modo da musicalidade.

Depreende-se disso que somos sempre o movimento daquilo que é sempre o mesmo, mas nunca a mesma coisa. É justamente esse movimento – essa ação – o que caracteriza o nosso modo de ser. Ora, se o nosso modo de ser é o modo da coragem decidida para o abrir-se e fechar-se, decerto que esse é um, ou melhor, é o caminho privilegiado na medida em que provimos e advimos dessa fonte de possibilidades potencialmente incessantes e em constante latência. Nesse sentido, longe de ser algo *a priori*, o caminho é sempre nosso. A entrada nesse caminho é sempre e a toda vez uma busca, uma procura de possibilidades. Ele é o caminho do silêncio da terceira margem.

Já afirmamos anteriormente que somos sempre gesto, ou seja, movimento revelador, e que existimos enquanto luta. Então, é na busca, no esforço corajoso e questionador, aquele que se aventura no risco extraordinário do encontro com o mistério, que existimos.

Assim, não devemos nos esquivar da questão: o que é questionar? Certamente não é uma procura daquilo que de antemão já sabemos e já definimos, e que restringe o caminhar por já ter definido antecipada-

mente todas as possibilidades. Questionar é a busca do verdadeiro saber: saber esperar o inesperado, auscultando e cuidando para que ele se revele. Nesse sentido, a indagação com cuidado é aquela que se entrega à natividade do mistério de ser. Ela é a caminhada do questionamento em que, a cada passo, vai surgindo o caminho essencial. Então, o passo é o movimento compassado e cadenciado, e a caminhada é a insistência de pensar a cada dia o que se disse originariamente, para que a originalidade e a amplitude da questão possam acordar dentro de nós, interpelando-nos numa primeira vez.

Por conseguinte, no âmbito de uma educação fundamentada na cientificidade limitadora do conhecimento, ou seja, uma educação fundamentada na certeza e na definição, não existe espaço para o surgimento da terceira margem. Nesse âmbito o passo é sempre linear, jamais será passo de dança. Em outras palavras, nos limites da certeza não existe espaço para o pensar poético, ou seja, para o pensar que dispõe desvelamento puramente dinâmico. Nesse desvelamento não há certeza, há dinâmica. Ele é pura musicalidade, na medida em que tanto retira excesso como põe limites, integrando, deixando surgir um terceiro, que é o primeiro. O terceiro é o trinado, é o ritmo instaurador da harmonia de dois: o trino. Portanto, é cadência harmoniosa.

Assim, o pensar poético nos faz habitar o mundo, demorando junto às coisas, protegendo e cuidando das coisas em seu crescimento. Protegendo e cuidando, empreendemos a viagem ondulante instauradora da terceira margem. Nela, na medida em que não estamos diante de um espaço geométrico, não nos deslocamos de um lugar para outro. Ao contrário, porque adentramos a espaço-temporalidade da reunião, a viagem será aquela que transmuta a natureza humana. Ela é a viagem poética que nos faz participar da parte vibrante-musical do real e engrandecermos.

Torna-se manifesto, nesse sentido, que toda educação voltada para o conhecimento utilitário deixa sempre de fora o pensar poético. Ela instaura o esquecimento da nossa musicalidade e impede o caminho do silêncio da terceira margem. Então, podemos afirmar: o humanismo, ai de nós!, só conhece retornos ao peso que imobiliza. Mas, aquele que ensinar o homem a ser leve e flexível novamente terá deslocado todos

os limites. Lembremos: os limites da existência humana são traçados no âmbito do saber mais originário, aquele saber auscultar permanentemente o envio indicador, sempre renunciando aos caminhos por que passou e sempre na disposição para um novo lançar-se.

Neste ponto de nossa meditação devemos repetir a questão de Carneiro Leão: “Será que está em nós mesmos termos perdido a força de pensar pensamentos e a capacidade de aprender com a experiência criadora?” (Leão, 2000, p. 244). Será que perdemos a força que nos faz trilhar o caminho que conduz à terceira margem? Por ser pura abertura, toda experiência criadora já é brotação, é geração do novo. No entanto, não é só isso, uma vez que por ser um fazer, é sempre *poiesis*. Por conseguinte, jamais será algo já conhecido e passível de fixação e certeza.

Assim sendo, percebe-se que para recuperarmos a nossa musicalidade e, com isso, a nossa capacidade de questionamento, é forçoso que deixemos de sobrevoar o mundo. Até porque pairar acima do mundo considerando que tudo já se encontra definido não passa de uma atitude de soberba e arrogância. Para habitarmos poeticamente o mundo, devemos nos entregar ao movimento livre e flexível que abre sempre novas possibilidades e, nessa abertura, engrandecer o nosso modo de ser. Esse é o sentido do habitar poético, ou seja, o habitar a terra (vigor essencial da poesia): “A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim a traz para um habitar” (Heidegger, 2002, p. 169). O habitar, nesse sentido, é antes de tudo um viver com. Ele é tensão harmônica. Acrescentamos que o habitar poético é livre, leve, totalmente aberto e preparado para acolher o inesperado na medida em que é sempre um engrandecimento. Então, só conseguiremos habitar o mundo poeticamente após termos construído o nosso modo de ser como um habitar numa participação acolhedora e engrandecedora. Essa participação nunca poderá anular ou ignorar a dimensão de mobilidade e gestualidade das coisas.

No âmbito do questionamento, na dimensão de mobilidade – aquela que nos torna saltadores e dançarinos –, movemo-nos num lugar que nada tem a ver com uma busca de decodificação de algo. Toda decodificação nada mais é que uma tentativa de arrancar o que se encobre

do seu encobrir-se, mutilando-o à medida que impede a sua gestualidade, que é a ação propiciadora da abertura para as possibilidades. Assim sendo, renunciando à soberba decodificadora e decidindo pela coragem acolhedora, estaremos prontos para adentrar o âmbito da musicalidade, onde estamos livres e leves, prontos a alçar voo e assim encontrar o que é sempre novo por sempre deixar ver. Esse deixar ver revela no seu gesto o sentido de abrigar, guardando com cuidado o que se encobre em seu encobrir-se. Longe desse âmbito, o que resta é sempre algo a ser decodificado, algo que é arrancado de sua gestualidade. Sem gestualidade, tudo é imóvel.

Ora, não devemos nos enganar. Essa imobilidade imposta pela brutalidade do processo de decodificação é o que fundamenta a pretensão de já conhecermos o segredo de tudo, só restando aplicar regras. Um mundo decodificável é um mundo triste e repleto de tagarelice. Num mundo assim embrutecido, circula de maneira desenfreada a transmissão de coisas ditas, prontas e acabadas. Portanto, ele é um mundo repleto de leis, de ideias dadas, que imobilizam tudo que encontram. Em proveito de conhecimentos tão pobres quanto inertes, esse mundo tagarela perdeu o caminho da mobilidade, brutalizando nosso vigor poético. Nele, o que se perde é a possibilidade da viagem que leva à terceira margem. Nessa imobilização, acontece o endurecimento da força poética por uma camada de conhecimentos frustos; acontece a sujeição de tudo aquilo que nasceu para ser pura possibilidade aos ditames e às regras, de modo que o mundo abre mão da procura para permanecer na viciosidade da mudança de um código para outro, de uma margem para outra. Nesse mundo tagarela, o que podemos observar é que nada mais resta para ser revelado, nada mais resta para ser auscultado, na medida em que tudo já está desvendado. Portanto, se tudo está revelado, nada mais resta para ser procurado.

Mas será que vivemos em um mundo inerte e simplesmente decodificável? Será que nada mais nos surpreende? Ora, se ainda podemos nos surpreender diante do mundo, é porque ainda existe a dimensão da mobilidade em que nada permanece a mesma coisa. Nessa dimensão, o mesmo pode sempre ser uma fonte de possibilidades sempre novas que clama por nossa participação acolhedora, ou seja, nossa abertura: nosso

modo de ser mais próprio. Quem acolhe sempre trata com cuidado e se mantém no movimento do engrandecimento propiciador do acolhimento. Por outro lado, o cuidado é sempre uma procura. Questionar é sempre procurar. Ou melhor, é sempre cuidado por aquilo que é sempre novo. No cuidado, somos o modo da com-posição.

Portanto, a entrada na dimensão da mobilidade é a própria renúncia que nos conduz ao momento em que devemos saltar por cima de todas as tagarelices de um processo de desfiguração, decifração e decadência cuja característica principal é não só estar preso ao que é objetivamente dado como transformar o mundo em pura imobilidade, para assim tratarmos de reconquistar a força evocativa das coisas, aquela que sempre e a toda vez nos chama com seu canto. Atendendo ao canto, empreendemos a viagem e participamos da cadência harmoniosa. Canto esse que é um chamado para um auscultar obediente, ou seja, cuidadoso. Nessa reconquista tornamo-nos abertos ao chamado, ao apelo para uma correspondência cuidadosa. O corresponder, então, é escuta e questionamento, procura cuidadosa. Entretanto, só escuta verdadeiramente quem se aquieta para se deixar tocar pelo canto. Somente uma força primeira tem a coragem para se pôr a ouvir o sentido de primeira vez. Aquietando, participamos do Silêncio da terceira margem: o silêncio é o espaçotempo da consonância dialógica com o sagrado.

A consonância dialógica é aquela espaçotemporalidade que a ciência, por sua dificuldade de concebê-la e exprimi-la com suas ferramentas de laboratório, insiste em eliminar, mas que nós sentimos e vivemos. Diante do silêncio, a ciência se imobiliza e se recusa ao seu prenúncio misterioso, considerando-o mera ausência. Porém, aquilo que não podemos ver exige de nós não o calar impeditivo do auscultar, mas o saber da consonância dialógica: esperar o inesperado. O silêncio é a presença ausente, é mistério impenetrável e, ao mesmo tempo, penetrante, que não se deixa solucionar e muito menos explicar. É na sua mudez, no seu mistério, que se encontra o murmúrio, o som plangente e ressoante, que nos convoca sempre e nos envia em sua direção, abalando e desfazendo os limites e as barreiras das realizações. Nesse sentido, o silêncio é recolhimento no pertencimento. Assim como também é abertura germinativa e, como tal, é pré-dicção.

Nele, o que se envia são os murmúrios festivos: voz do ser que emerge liberando o que está contido no silêncio. Uma vez compenetrados e concentrados no silêncio, encontramos a fonte de encantamento da realidade e entramos em consonância dialógica com o sagrado: meditamos. A consonância é a reunião originária e festiva que guarda as ondulações genesíacas: o gesticular da fonte da onda em movimento, aquela que abriga a essência velada do ritmo.

No que nos cabe pensar, o silêncio é, acima de tudo, lugar de recolhimento, lugar de vida concentrada: terceira margem. Então, por mais paradoxal que seja, é lugar de reunião de onde emana a voz de comando que recolhe os que estão separados para que, reunidos, possam viajar na mesma afinação: viajamos no tom único fundamental que vive em profundidade. O silêncio só acontece quando o vagar se mantém na reverência e se atém ao respeito. Ele é a espera do inesperado. Essa espera é repercussiva; nunca enunciativa. Repercutir é calar; mas calar não é fechar; é abrir-se sempre e totalmente. Portanto, manter-se em silêncio jamais será fechamento na medida em que é pura abertura, puro acolhimento. Só repercute quem se abre; quem aceita; quem consente receber. Essa abertura não tem medida *a priori*, uma vez que será sempre acolhimento daquele que se doa. Se nessa abertura existe medida, ela é a do toque. No toque do silêncio, calamos nossa voz mortal, repleta de significações e enunciados, e deixamo-nos transpassar pela sonoridade murmurante – dispomo-nos ao sentido e nos convertemos em sonoridade –, empreendemos a viagem ondulante e prodigiosa que transgride toda audibilidade e visibilidade.

Torna-se evidente que a coragem anteriormente anunciada só acontece quando renunciamos à pretensão de tudo saber e nos entregamos numa consagração à experiência da abertura, à própria experiência da novidade. Nela, deixamo-nos tocar pelo silêncio e aprendemos a ouvir o sentido de primeira vez. Aquietar, então, diz adentrar o lugar do repouso onde cessa o burburinho das tagarelices e grilagens que entulham e entram toda e qualquer possibilidade de viver o sentido de primeira vez. No sentido da primeira vez, nos colocamos em unísono com aquilo que se oferece sempre a cada vez como questão. No unísono aprendemos o sentido e o dizer da unidade.

Também aprendemos que, mais que a razão, a musicalidade é a força de unidade da alma humana. Surgindo sempre como vigor primeiro, a musicalidade é essencialmente aberta. Ela é a própria experiência da abertura. Nesse sentido, a força de unidade é o que nos convoca para vivermos a liberdade da quietude. Na quietude guardamos o silêncio, ou seja, calamos o burburinho para ouvirmos aquele que, como pura provocação, se oferece sempre com o sentido da primeira vez. E mais, o silêncio guardado na quietude nos põe abertos para o maravilhamento. Quanto a isso, devemos lembrar que, antes de ser verificado, o mundo é admirado.

Assim é que, afinados pela quietude, tornamo-nos seres admirados e questionamos. “Questionar é a piedade do pensamento”, afirma Heidegger (2003, p. 135). Ao que nós acrescentamos: piedade daquele que abre sulcos no agro – no campo cultivável – do nosso ser para que possamos acolher. Acrescentamos que o questionamento é a dádiva daquele que nos faz sempre puros, libertos de qualquer *a priori*, ou seja, libertos de tudo que nos faz cegos e surdos diante do mundo, para estarmos prontos a receber o presente ofertado no encontro. Em outras palavras, piedade é o amor que recorda o sentido de primeira vez, e, recordando, abre sulcos no espaço da memória, espaço cultivável, campo de legados, campo de oferta, campo de cuidados. Questionar, então, é o pensar que procura não esquecer e se mantém musicalmente aberto para colher e fazer germinar.

Tomando emprestadas as palavras de Heidegger (2002, p. 11), para quem “o questionamento trabalha na construção de um caminho”, afirmamos que ele é aquele que abre o caminho da terceira margem. Somente no aberto é possível construir caminhos: “perguntar quer dizer colocar no aberto” (Gadamer, 2004, p. 474). E, como toda colocação mostra o lugar, ela mostra originariamente o para onde tudo converge num acolhimento, ou seja, deixa ver a ponta de lança para onde tudo converge e onde tudo se manifesta numa revelação: a terceira margem. Assim é que o questionamento, por si só, já sugere um caminho que impõe sempre uma “atitude interrogativa”, aquela de que falou Heidegger, ou seja, “a resolução de abrir-se a um poder-suportar a manifestação” de “possibilidades imperscrutadas, jamais traçadas, isto

é, futuras” religando-as ao “princípio de seu pretérito vigente, dando-lhes, deste modo, peso e perspicácia no presente” (Heidegger, 1999, pp. 50-70). Ela é a atitude do ser musical. Nela, pressentimos o irromper do abismo intranquilizante que subverte o familiar e nos coloca no caminho do sempre novo.

Reafirmamos, desse modo, que nesse caminho estamos sempre à beira de possibilidades; de um des-cobrir-se. Gadamer (2004, p. 489) ensina que perguntar é experimentar possibilidades, na medida em que, quando se pergunta, abrem-se possibilidades de sentido, edificam-se caminhos. Assim, as possibilidades nada mais são que a luz mesma que, por ser doadora de sentido, ou seja, doadora de caminhos, nos permite prosseguir caminhando. Além do mais, ser na possibilidade de algo significa permitir que algo, segundo seu próprio modo de ser, venha junto de nós, resguardando insistentemente tal permissão (Heidegger, 2002, p. 111).

Em vista disso, poderíamos dizer que uma atitude interrogativa ensina-nos possibilidades de engrandecimento, possibilidades que nos retiram das pesadas preocupações e nos mantêm leves e flexíveis. Ora, engrandecer é o mesmo que crescer e, ao mesmo tempo, alargamento e flexibilidade. Em outras palavras, as possibilidades são verdadeiras lições de originalidade, lições nascedouras.

Afirmamos, portanto, que só o pensar poético amplia todas as possibilidades e nos concede a liberdade do crescimento: a liberdade que faz cada um de nós recuperar a leveza do voo, a musicalidade. Ela é a leveza propiciadora da viagem que conduz à terceira margem. Essa leveza é aquela que nos concede a possibilidade do movimento para todos os lados. Será que estamos diante da tarefa de fazer da educação o espaço para abertura do poético, espaço da terceira margem? Vale sempre pensar a respeito.

Diante de tais palavras, a atitude interrogativa da qual estamos falando é a possibilidade que nos transporta para o âmbito da abertura do poético, aquela de que nos fala Emmanuel Carneiro Leão: “nos convoca a sermos mais livremente o que fomos, descortinando o que seremos no horizonte do que somos” (2000, p. 46). E o que nos convoca para junto de si colocando-nos no espaço de dois, o que nos interessa, solicita-

nos sem cessar na medida em que nos chama para estarmos junto a ela e assim persistirmos (Heidegger, 2002, p. 113). Colocando-nos em questão, submetendo-nos ao questionamento, estaremos prontos para aceitar o desafio de conviver com as “possibilidades imperscrutadas” nossas e do mundo.

O questionamento, verdadeiro vigor de mobilidade, sempre e a toda vez nos conduz, no próprio caminhar, a vivermos muito simplesmente no maravilhamento dos encontros da primeira vez. Esses encontros não precisam de uma prova, uma verificação; eles são uma relação direta entre uma alma e outra, e nunca algo a ser apenas confirmado por já se saber de antemão. Eles são encontros de congraçamento. Em outras palavras, são encontros de alegria e contentamento. Esse encontro só acontece quando participamos da festa, da parte vibrante-musical do real.

Percebe-se, então, que não se trata de provar e sim de saborear. O sentido de saborear, então, é o sentido da admiração. O que se impõe da admiração é o perguntar histórico. Nesse último, acontece o entendimento da questão como “algo que, no se colocar como pergunta, se dá como saber e não-saber, ser e não-ser” (Castro, 2004, p. 9). Diante dela, devemos com-por. Nesse sentido, a admiração nos move para junto dela a fim de que possamos participar do seu sabor, da sua graça. Perguntar historicamente significa: libertar e pôr em movimento o que repousa na questão e nela está preso (Heidegger, 1987, p. 53), ou seja, libertar a sua graça, o seu favor. Sua historicidade se dá sempre como possibilidade.

Por outro lado, o caráter inexorável do modo do questionamento é doador do grau de liberdade do saber que, de cada vez, é livremente escolhido. Para os gregos, ensina Heidegger (1987, p. 48), no poder questionar encontrava-se toda a nobreza do seu estar-aí. E, na medida em que a nobreza é o brilho do puro surgimento, o ritmo mundificador sempre se coloca de novo, por si mesmo, assim que voltamos à própria coisa, assim que voltamos a viver no maravilhamento desse mundo que cresce na exata proporção em que crescemos ao habitá-lo. Voltar a viver no maravilhamento que nos faz habitar e crescer é exercer o primeiro entusiasmo do questionar. Ora, é viver poeticamente. Acima de tudo, é habitar a terceira margem.

No modo do questionamento somos o sentido da primeira vez. Nele, nos lançamos nas ondulações da terceira margem: musicalidade. No primeiro entusiasmo surgem as perguntas naturais, perguntas que se fazem naturalmente e que nos remetem às nossas ondulações originárias. Tudo que é originário é essencial. Portanto, é doação permanente da *phýsis*: floração/brotação. Se não a fazemos sempre é porque o nosso modo soberbo de viver nos impede, envelhecendo-nos cedo demais. Nenhum espírito soberbo e envelhecido de uma ciência positiva suporta que a *phýsis* permaneça sempre como questão. No caminho da *phýsis* não estamos em terras do conhecimento. Ela é o caminho da terceira margem. A cada passo surge algo para humilhar e mortificar a soberba dos conhecimentos.

Torna-se evidente, assim, que o princípio originário das questões originárias ultrapassa sempre a experiência científica na exata medida em que ele é um saber que só é aprendido no questionamento. Ele é o saber mais originário. Devemos sempre lembrar que os limites da existência humana são traçados no âmbito desse saber. Até porque, antes de tudo, ele é puro vigor de rememoração na medida em que é aquele que traz à memória a graça, o favor daquele que se oferece como questão.

E, devemos reiterar: só nos colocamos em questionamento diante do mundo quando nos despojamos da pretensão de já sabermos tudo e nos entregamos ao movimento do seu princípio originário. Ademais, diante de um mundo que se oferece como questão só há espaço para o saber originário. Então, devemos ter em conta que o caminho do “saber original” só percorre aquele que permanece no modo de ser poético. Portanto, nas perguntas que nos remetem à floração eviterna entramos no âmbito das questões originárias que nascem além do que se vê e do que se toca. Elas só brotam no horizonte de sentido que se abre na terceira margem. Só é capaz de adentrar o âmbito dessas questões quem tem a coragem de acompanhar o passo da floração eviterna. Convenhamos, o espírito soberbo nunca é capaz de acompanhar o passo da *phýsis*, aquele que é o passo do nascimento eviterno, do caminho ondulante, da floração que quanto mais sobe mais enraíza. Por isso, podemos afirmar que a viagem à terceira margem é aquela em que não mudamos de lugar, mas florescemos, engrandecemos, sonorizamos. O passo nesse

caminho implica sempre e a toda vez a disposição de abrir-se e fechar-se, e o voltar-se atrás de um para o outro. Ele é passo de dança. Em outras palavras, implica o retorno ao nosso modo de ser mais próprio: modo da musicalidade. Nesse refúgio – âmbito –, a vida concentra-se, prepara-se, transforma-se. Assim, entramos no âmbito da estranheza, do misterioso.

Diante do misterioso, pelo questionamento, tornamo-nos “penhores do amor” e empenhamo-nos no salto que vai dos conceitos cristalizados para a abertura que possibilita tudo, incluindo os próprios conceitos, mantendo-os libertos da soberba cristalizadora. O salto é, consoante Heidegger (1999, p. 43), o “fundo misterioso da liberdade”. Ao darmos o salto, libertamo-nos, ao ponto de não mais estarmos presos ao modo de falar dos conceitos cristalizados, cuja principal característica é transformar o mundo, que é pura mobilidade, em pura inércia. Aquele que age na experiência do salto origina para si o próprio fundo em que se funda, jamais se limitando ou conformando aos fundamentos impostos. Esse salto que origina para si seu próprio fundo é o “salto originário” (Heidegger, 1999, p. 37). Na medida em que é o princípio e o fundamento primordial de todo saltar, ele é aquilo que gera originalidade, jamais igualdade.

No salto, nos lançamos no abismo, na parte vibrante-musical do real, e nos encontramos no mundo onde tudo tem sentido poético: na terceira margem. Lá, tudo é sempre festa; é sempre celebração: reunião. Além disso, a liberdade do salto é um dito, é uma promessa. Isso significa dizer que é um lançar, um fazer germinar: brotar. Como liberdade e alegria, ele é um lançar que põe em voga, transformando aquele que se abre em viajante destemido rumo ao inesperado: pura brotação. Devemos sempre lembrar, com Heráclito, que se não se esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível. O inacessível só se põe para a mente racional, que tenta a qualquer custo isolar e fixar tudo que encontra e, nessa presunção, ouve descompassada por sempre se prender nas armadilhas do cálculo: ouvindo descompassados, assemelham-se a surdos. O ditado lhes concerne: presentes estão ausentes. Descompassados são os que não se lançam com e, assim, não estão presentes. Descompassados não adentram a espaçotemporalidade da reu-

nião, da consonância. Conseqüentemente, não participam da brotação. Entretanto, o espaço do inesperado é o espaço do subitâneo, daquele que chega de repente: espaço do diáfano, ligeiro e sonoro. Só entra nele quem persevera na vigília. Nele, ou se está presente ou não. Ele nos convida a nos lançarmos com, presentes na sua presença, compassados.

Conclui-se que a entrada no espaço do inesperado, espaço do questionamento, concede o desdobramento da dobra, a soltura que desata os nós impostos pelo espírito soberbo para que seja possível a vibração e o fluir para todos os lados. Só nele acontece o verdadeiro engrandecimento. Sem a entrada nesse espaço não há crescimento, desdobramento. Somente no momento do inesperado, em que se vive o espanto e o maravilhamento, é que se torna possível a consagração a um movimento que canta. Esse canto é o canto da louvação que nos permite adentrar o espaço envolvido pelo véu e participar da revelação. Nele participamos daquela viagem que nos arranca das viagens lineares da terra da ciência positiva e arrogante que tudo sabe e tudo vê, e nos concede a liberdade e a ondulação do véu para que possamos viver no limite do visível e do invisível, na terceira margem, felizes por sermos vaga. A viagem que conduz à terceira margem é a viagem em que a cada passo recuperamos a nossa musicalidade.

Referências bibliográficas

- CASTRO, Manuel Antônio de. *Linguagem: nosso maior bem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.
- _____. Poética: permanência e atualidade. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 171, pp. 7-31, out.-dez. 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. *A caminho da linguagem*. São Paulo: Vozes, 2003.
- _____. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- _____. *Que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70, 1987.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar I*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. *Aprendendo a pensar II*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Resumo

Os métodos da educação contemporânea seguem os caminhos da metafísica e se encaminham à formação utilitária, cognitiva e tecnicista. Será possível mudá-los e reenca-minhá-los? Esse ensaio questiona e pensa essa possibilidade: propor, em meio a um mundo e uma educação racionais e objetivos, uma educação que se oriente pela procura de cada um por sua terceira margem, seu originário, seu próprio.

Palavras-chave

Educação; terceira margem; originário; técnica.

Recebido para publicação em
28/11/2009

Abstract

The methods of contemporary education are guided by the paths of metaphysics and seek a utilitarian, cognitive and technical formation. Is it possible to change them and turn them towards a new direction? This essay looks into that question and considers the possibility of proposing, in a world and an educational system which follow rational and objective purposes, and education whose main aim is each one's personal pursuit for their own 'third bank', their own originary, their own self.

Keywords

Education; third bank; originary; technique.

Aceito em
19/02/2010

